

ESPECULAÇÃO

Insegurança sobre o futuro da economia brasileira, provocada pelo fim cada vez mais próximo do governo Fernando Henrique, provoca tensão no mercado financeiro. Há temor de que o país tenha dificuldades para pagar suas dívidas

Risco Brasil sobe 5% e dólar passa de R\$ 2,60

Ricardo Leopoldo
Da equipe do Correio

São Paulo — O mercado financeiro não deu folga ao governo ontem. Os investidores continuam pessimistas, acreditando que o próximo presidente da República terá sérios problemas para administrar a dívida interna do país. Como resultado dessa onda de mau humor, o dólar comercial para venda bateu em R\$ 2,622 e fechou em R\$ 2,609, a maior cotação dos últimos sete meses. A Bolsa de Valores de São Paulo ficou estável, com discreta queda de 0,09%.

A desconfiança dos investidores também é sentida no exterior, com uma forte vinda de papéis da dívida externa. O C-bond, título nacional mais negociado em Nova York, fechou em US\$ 0,701, com queda de 2,09% em relação à cotação de terça-feira. Com a desova dos títulos, tais papéis ficaram menos atraentes para quem faz aplicações no mercado. Assim, os investidores passaram a cobrar mais caro para ficar com os títulos, seguindo o aumento do risco-país do Brasil (leia texto abaixo). Essa taxa subiu de 1.072 para 1.132 pontos, demonstrando que aumentou a desconfiança na capacidade brasileira de pagamento de dívidas. A alta foi de 5,6%.

O mercado financeiro normalmente é embalado por períodos alternados de otimismo e pessimismo, muitas vezes mais relacionados com as expectativas dos investidores do que com fatos econômicos. "Na atual fase, grande parte desse nervosismo tem origem política, relacionada com as perspectivas eleitorais para a sucessão presidencial", comentou Luis Carlos Costa Rego, economista-chefe da Sul América Investimentos. Alguns analistas dizem que a possível eleição de Lula, candidato do PT — líder das pesquisas de opinião pública — deixam grandes investidores inseguros sobre o tratamento que será dado ao pagamento da dívida do governo. Além disso entendem que, como o governo Fernando Henrique está no fim, haverá mudança na política econômica.

DUCHA FRIA

Um fato novo colaborou ontem com o baixo astral dos investidores. A Moody's, uma agência internacional que avalia o risco de aplicação de recursos em países e empresas, mudou no final da tarde de terça-feira a perspectiva dos títulos

O QUE É RISCO-PAÍS

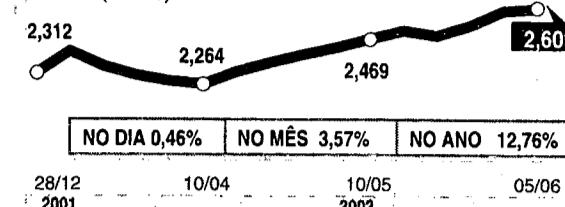
O risco-país mede a confiança do mercado no pagamento das dívidas de um país. Quanto mais alta for essa taxa, mais altos serão os juros que o Brasil terá de pagar por novos empréstimos ou para renovar negócios antigos. A referência usada pelo JP Morgan, banco que estima a taxa, é o título do Tesouro norte-americano, considerado sem risco de calote. Quando o risco-país do Brasil é de 1.121 pontos, entende-se que os títulos da dívida nacional pagam juros 11,21 pontos percentuais acima dos pagos pelos Estados Unidos.

O RITMO DA TENSÃO

Três indicadores mostram dias tensos no mercado financeiro e no governo federal

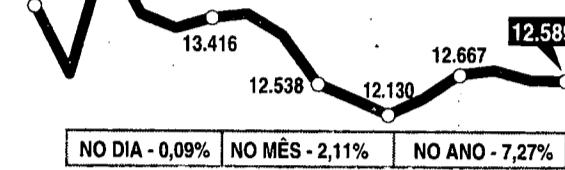
O DÓLAR SOBE

Moeda norte-americana vale mais em relação ao real (em R\$)



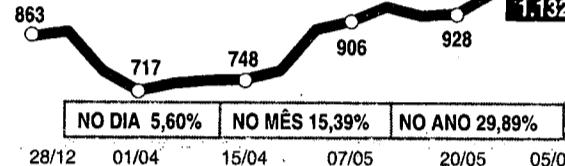
A BOVESPA CAI

Bolsa de Valores de São Paulo retoma trajetória de queda (em pontos)



O RISCO-PAÍS AVANÇA

Quanto mais alta a taxa de risco, mais elevada é a desconfiança dos investidores em relação ao um país



MOTIVO POLÍTICO

Lula, candidato do PT à presidência da República, lidera as pesquisas. Muitos banqueiros e grandes investidores temem que o PT, caso venha a eleição, queira renegociar o pagamento das dívidas do governo. Por isso, reduzem a compra de títulos públicos e aumentam a compra de dólares.

MOTIVO ECONÔMICO

Os bancos compraram muitos títulos do governo, que vencem nos próximos meses ou em 2003. As instituições financeiras vinham remunerando os investimentos feitos em seus fundos com base no valor provável desses papéis no futuro. O Banco Central mudou a regra do jogo e determinou que a remuneração fosse feita de acordo com o valor do título no dia-a-dia. Essa mudança ocorreu no fim da semana passada e provocou perdas de até 4,7% nos fundos de investimentos, especialmente os de renda fixa. Os bancos avaliaram isso como mais um motivo para só comprarem títulos públicos de curto prazo, com juros altos. Sem esse tipo de oferta por parte do governo, apostam na compra de dólares.

OS EFEITOS NA SUA VIDA



LUZ

A tarifa da energia de Itaipu, empresa binacional (Brasil e Paraguai) é cotada em dólar. Trata-se da principal usina fornecedora de energia para o país. Por isso há efeitos sobre a conta de luz. No Distrito Federal, até 30% da energia consumida vem de Itaipu.



PÃO

Cerca de 80% do trigo usado nos pães brasileiros vem de fora. Por isso, quando a cotação do dólar aumenta, os preços da farinha de trigo e do pão sobem. A farinha de trigo também é essencial em massas, como o popular macarrão, e biscoitos.



DÍVIDA PÚBLICA

Ao pagar juros altos para conseguir dinheiro no mercado, o governo gasta mais com o pagamento de suas dívidas, algo que pode reduzir os investimentos em áreas como saúde e educação.



CRISE

Os juros altos reduzem o consumo, porque as prestações ficam mais caras. Baixam os investimentos das empresas, porque os empréstimos custam mais e as pessoas compram menos. O resultado é uma crise econômica. O país produz menos e o desemprego aumenta.



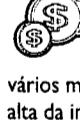
COMBUSTÍVEIS

A cotação do dólar é um dos itens que definem o preço da gasolina no país. Quando o valor do dólar sobe, o preço da gasolina aumenta.



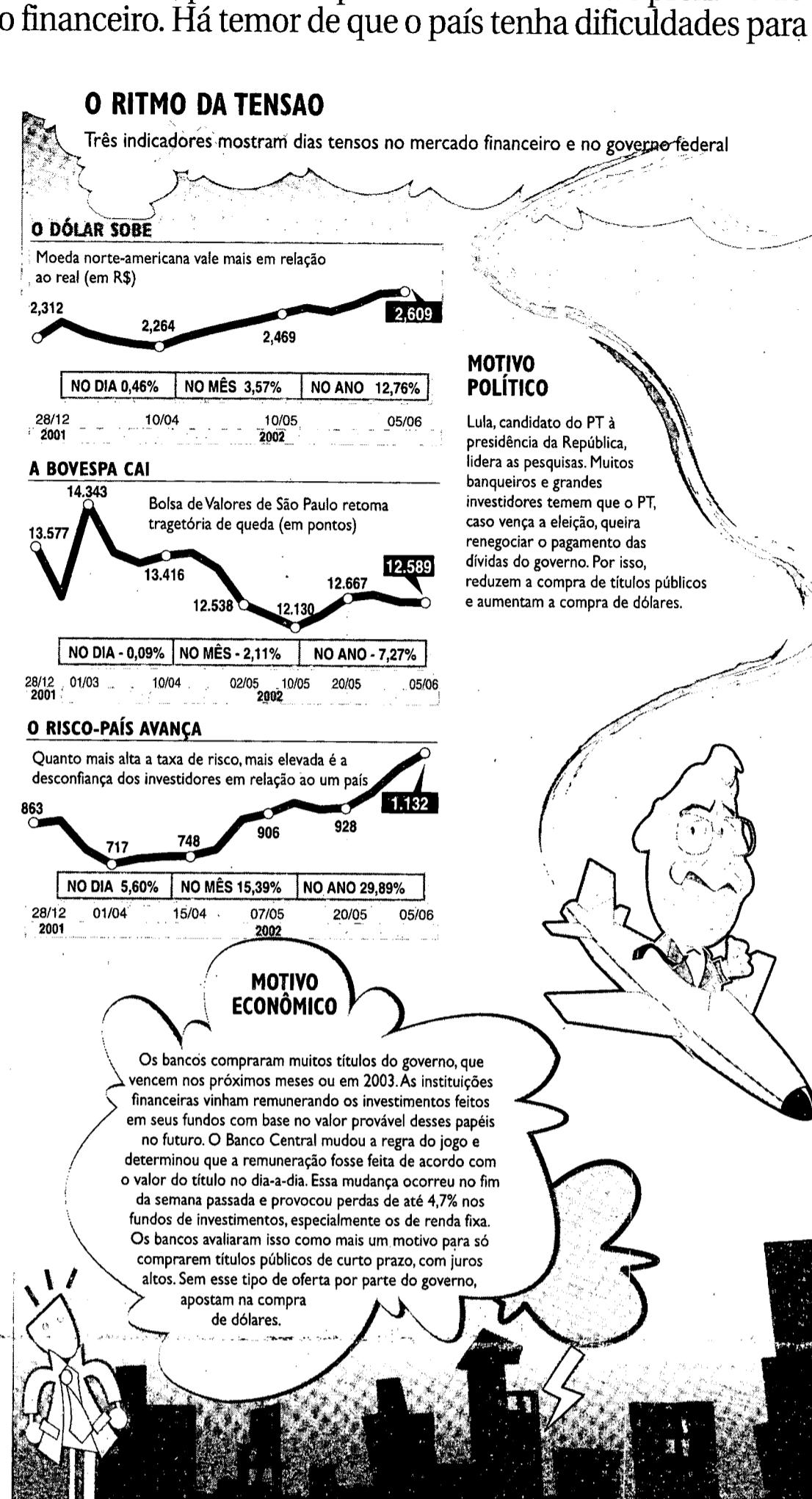
INFLAÇÃO

Os preços da gasolina, do pão e da luz jogam os índices de inflação para cima.



JUROS

Quando o dólar sobe, o governo tende a elevar ou manter os juros altos por vários motivos. Um deles é conter a alta da inflação.



Arte: Anderson Araújo/Amaro Júnior